

VII Seminário FESPSP - “Juventude, trabalho e profissão: desafios para o futuro no tempo presente”.

28 de outubro a 01 de novembro de 2019

GT 04 - Arquivos e coleções: tratamento da informação e preservação

A biblioteca nos mosteiros beneditinos femininos: o acervo da Abadia de Santa Maria

Daniele Carli Licciardi Moreira
Maria Rosa Crespo (orientadora)

São Paulo
2019

Resumo: Regidos pela Regra de São Bento que prevê a prática diária da leitura como uma forma de elevação espiritual, os mosteiros beneditinos têm uma relação importante com as bibliotecas que se tornam instrumentos fundamentais da vida monástica. Para compreender como esta tradição se atualiza em um mosteiro feminino, foi estudada a biblioteca Irmã Lídia, da Abadia de Santa Maria, o primeiro mosteiro beneditino feminino das Américas. As entrevistas com o bibliotecário responsável e a observação de campo apontaram para um acervo vasto, com obras historicamente valiosas e de suma importância para as monjas. Sob o ponto de vista da Biblioteconomia, existem potencialidades pouco exploradas no acervo que ainda carece de um tratamento técnico completo. Compreende-se, assim, a necessidade de aprofundar os estudos sobre bibliotecas em mosteiros femininos, bem como acerca dos hábitos de leitura de monjas, para contribuir de forma mais efetiva com os acervos de comunidade monástica.

Palavras-chave: Bibliotecas monásticas. Monjas beneditinas. Ordens monásticas e religiosas femininas.

Abstract: Regulated by the Rule of St. Benedict which foresees the daily practice of reading as a form of spiritual elevation, the benedictine monasteries have an important relation with the library, a fundamental device in the monastic life. To understand how this tradition is renewed inside a female monastery, the Sister Lúcia Library, the first benedictine monastery of America was researched. The interviews with the responsible librarian as well as the field observation aim to an abundant collection with valued pieces, not only historically but also relevant to the nuns. From the point of view of librarianship, the collection has unexplored potential and demand a complete technical treatment. Though, comprehending the demand for a deeper study about libraries in female monasteries, either about nun's reading habits, and therefore contribute in an effective way with de collections in the monastic community.

Keywords: Monastic libraries. Benedictine nuns. Monastic and religious orders for women.

1 INTRODUÇÃO

A relação entre a história das bibliotecas e a vida nos mosteiros católicos é bastante conhecida, desde os monges copistas até suas bibliotecas monásticas que realizavam a guarda e a conservação de importantes manuscritos. Nos dias atuais, as bibliotecas de instituições religiosas possuem acervos de grande importância histórica e cultural. Dentre estas instituições, os mosteiros beneditinos possuem uma especial relação com a leitura e, conseqüentemente, com os livros e suas bibliotecas. Isso ocorre porque são regidos pela Regra de São Bento, que coloca a prática diária da leitura como uma das principais formas de elevação espiritual, ao lado do trabalho, da oração e da contemplação (ARAÚJO, 2008).

Diferente dos mosteiros beneditinos masculinos, presentes no Brasil desde o século XVI, as ordens femininas só chegaram aqui no século XX, com a fundação da Abadia de Santa Maria, em 1911, na cidade de São Paulo, sendo este o primeiro mosteiro beneditino feminino das Américas. Apesar de seguirem a mesma Regra, inclusive no que se refere à valorização da leitura, os mosteiros femininos podem apresentar peculiaridades em suas bibliotecas e acervos (MAZZONI, 2009).

Um fator a ser considerado é a recente história da fundação dos mosteiros beneditinos femininos no Brasil; outro fator citado pela literatura é a tradição cultural de ordens femininas estarem bastante voltadas ao trabalho artesanal, ou a obras assistenciais (MAZZONI, 2009). Além disso, a própria configuração social do papel da mulher na sociedade brasileira, que historicamente está mais relacionada a trabalhos domésticos do que intelectuais, se reflete na configuração dos papéis de homens e mulheres e de suas congregações dentro da própria Igreja.

Desta forma, gostaríamos de compreender se a tradição beneditina de bibliotecas se mantém em uma biblioteca de um mosteiro feminino paulistano na atualidade. E se a história da relação entre leitura, livros e as mulheres religiosas no Brasil se reflete na biblioteca beneditina na atualidade.

Para isso, será estudada a Biblioteca Irmã Lidia, voltada exclusivamente para o atendimento das monjas residentes na Abadia de Santa Maria. Assim, é possível afirmar que investigar uma biblioteca monástica feminina na atualidade nos permite conhecer sobre modos de leitura e de organização do conhecimento, contribuindo, portanto, para os estudos sobre serviços informacionais especializados em religião.

1.1 Objetivo geral

Compreender a relação da tradição beneditina de bibliotecas com a biblioteca de um mosteiro feminino na atualidade.

1.1.1 Objetivos específicos

A fim de atingir o objetivo geral, foram desenvolvidos os seguintes objetivos específicos:

- a) descrever historicamente a tradição beneditina de livros e bibliotecas;
- b) compreender o histórico da Abadia, de sua biblioteca e sua relação com a cidade de São Paulo;
- c) descrever a biblioteca da Abadia na atualidade no que se refere à tipologia documental do acervo, espaço físico, opções de gestão, classificação e recursos disponíveis.

1.2 Metodologia

O presente estudo foi realizado através do método de pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa, na modalidade estudo de campo. Foram combinadas diferentes técnicas de pesquisa, tais como pesquisa bibliográfica, entrevista não estruturada com o bibliotecário, observação assistemática no local registrada em diário de campo (GIL, 2010; MARCONI, LAKATOS, 2018).

2 DESENVOLVIMENTO

Para compreender a relação dos beneditinos com os livros e suas bibliotecas, é importante retomar sua origem e o sentido que o monaquismo teve ao longo da história. Segundo Araújo (2008), ele “[...] remete à ideia de isolamento e alheamento ao mundo. É um sistema de consagração à causa divina, que tenta chegar a Deus passando pelo recolhimento e uma vida de dedicação e interiorização” (ARAÚJO, 2008, p. 39).

2.1 Bibliotecas e a tradição beneditina

São Bento (480?-547d.C.) foi um dos grandes influenciadores do monaquismo no Ocidente e fundador do que viria a ser a Ordem beneditina. Por volta do ano 529, funda o Mosteiro de Monte Cassino, primeiro de outros doze que ele viria a criar (ARAÚJO, 2008). Foi neste mesmo período que sua irmã, Santa Escolástica, orientada por São Bento, fundou um mosteiro para mulheres na cidade de Plombariola, a sete quilômetros de distância de Monte Cassino, que seguia as mesmas regras deste. Estas se denominaram irmãs beneditinas, surgindo, então, a Ordem das Beneditinas, cuja base era a clausura rígida, a penitência e o trabalho (MAZZONI, 2009).

2.1.1 A Regra de São Bento e leitura

Apesar de divergências históricas que questionam sua real autoria, a São Bento é atribuída a elaboração de um conjunto de normas que procuravam regulamentar e organizar a vida monástica, em franca decadência na sua época. Estas normas são conhecidas hoje como a Regra de São Bento. Dada a importância dessas regras, os beneditinos até hoje se identificam muito mais com a Regra do que com o próprio Bento, diferente de outras ordens religiosas, como franciscanos e jesuítas, que se identificam com a pessoa do seu fundador. Isso se reflete claramente na formação do acervo de uma biblioteca beneditina na atualidade, que é composta por diferentes edições da Regra, em diversos idiomas, além das obras sobre estudos, aplicação e comentários sobre ela, como veremos mais à frente na descrição do acervo da Abadia de Santa Maria.

Conforme o próprio São Bento afirma, a Regra é voltada para todos aqueles que desejam ter uma vida austera e aproximar-se de Deus (ARAÚJO, 2008). Aqui ela será analisada especificamente naquilo que se refere à leitura dos monges, a fim

de compreender sua contribuição para a demanda de livros no período medieval e, conseqüentemente, sua contribuição para o surgimento das bibliotecas ocidentais.

A Regra de São Bento é composta por 73 capítulos, que regulamentam desde a vida espiritual, até questões de ordem cotidiana da instituição (ARAÚJO, 2008).

É importante ressaltar que, apesar de seguirem a mesma Regra, os mosteiros beneditinos gozam de certa autonomia e independência em relação à hierarquia de sua Ordem, o que nos leva a compreender que existe uma diversidade na forma de vivenciar a Regra, em especial no que se refere aos mosteiros femininos, como veremos mais a seguir.

São Bento acreditava que as regras ajudariam os monges a aproximarem-se de Deus, preconizando para isso três virtudes: a obediência, o silêncio e a humildade, e a maneira de atingir estas virtudes seria dividindo seu tempo entre o *ora et labora* (oração e trabalho) e a *lectio divina* (leitura e meditação das escrituras), dois preceitos fundamentais para os beneditinos (ARAÚJO, 2008, p.50).

A Regra de São Bento cita a prática da leitura em diversos capítulos (capítulos 4, 9, 10, 11, 12, 13, 38, 42, 47, 48, 49, 53, 58 e 66), colocando-a como uma prática diária e com horários determinados segundo as estações do ano.

O capítulo 38 diz que nunca deve faltar leitura no momento das refeições, sendo que um religioso seria escolhido semanalmente para fazer a leitura durante todas as refeições do período. Posteriormente, essa regra foi interpretada como sendo a leitura um alimento para o espírito, enquanto a comida alimentava o corpo (DIAS, 2011). Um trecho da Regra diz:

Às mesas dos irmãos não deve faltar a leitura; (...) Faça-se o máximo silêncio, de modo que não se ouça nenhum cochicho ou voz, a não ser a do que está lendo. (...) Se porém se precisar de qualquer coisa, seja antes pedida por algum som ou sinal do que, por palavra. Nem ouse alguém fazer alguma pergunta sobre a leitura, ou outro assunto qualquer (BENTO, 2004, p.121).

Em seu livro apelidado de o 'Livro das monjas', Gabriel Talbot (1744), elabora uma versão da Regra para as mulheres: após reproduzir cada regra conjugada para o gênero feminino, ele acrescenta recomendações sobre sua prática. Para a regra

38, ele enfatiza que no momento de comer, a leitura é necessária para reprimir os excessos do apetite e da gula (TALBOT, 1744).

São Bento enfatiza, na regra número 42, a necessidade do silêncio e prevê a leitura durante a noite como forma de conter os ânimos, o que nos remonta mais uma vez à leitura como um instrumento de contenção dos comportamentos e uma ferramenta da vida religiosa.

Os monges devem em todo o tempo esforçar-se para guardar o silêncio, principalmente nas horas noturnas (...); sentem-se todos juntos e um deles leia as Coações ou as Vidas do Padres, ou qualquer outra coisa que edifique os ouvintes; não se leia, porém, o Heptateuco ou o Livro dos Reis, porque não seria útil às inteligências fracas, ouvir, naquela hora, esses livros das Escrituras (BENTO, 2004, p.129).

Podemos destacar também o capítulo 48, em que São Bento determina que os horários de leitura, que varia conforme as estações (DIAS, 2011).

Antes de tudo, porém, designem-se um ou dois dos mais velhos, os quais circulem no mosteiro nas horas em que os irmãos se entregam à leitura e verão se não há, por acaso, algum irmão tomado de acédia, que se entrega ao ócio ou às conversas, e não está aplicado à leitura e não somente é inútil a si próprio como também distrai os outros (BENTO, 2004, p. 136).

Havia dois tipos de leitura: a *lectio Biblica*, que consistia no estudo das sagradas escrituras, e a *lectio divina*, chamada de leitura espiritual, uma vez que previa momentos de meditação, contemplação e diálogo sobre os ensinamentos religiosos (ARAÚJO, 2008).

Com isso, podemos notar que a leitura seria antes uma forma de elevação espiritual e também de contenção do comportamento, do que uma questão de racionalidade e intelecto, como nos esclarece Brayner (2017):

São Bento, por sua vez, longe de restringir a leitura à sua formação inicial, concebe como prática norteadora da vida dos seus monges (...) portanto, não se trata simplesmente de provar ao superior certa familiaridade com os textos sagrados, mas de converter a leitura em prática ascética regular, tão eficaz ao controle da carne quanto o trabalho nos campos (BRAYNER, 2017, p. 47).

2.1.2 As bibliotecas beneditinas

Diante desta obrigatoriedade de leitura prevista pela Regra, surge demanda por grande quantidade de livros para atender a todos os monges e monjas, que foi suprida pelos próprios mosteiros, que passaram a produzir e copiar os manuscritos, surgindo então o *scriptorium* e a função de monges copistas (BARRETO, 2017).

O monge copista raramente assinava seu trabalho, pois o anonimato era uma demonstração de humildade para a época, o que torna muito difícil a identificação dos responsáveis pelas obras. De forma geral, esta função foi tradicionalmente exercida por monges, porém, pesquisas recentes têm apontado para uma produção importante por mulheres nos mosteiros femininos da Europa Medieval, em especial na Alemanha e na Áustria (RADINI, 2019). Apesar das poucas informações sobre esta produção feminina, para nós tais estudos fornecem indícios importantes sobre a relação histórica das mulheres religiosas com os livros e as bibliotecas.

Além de reproduzir obras religiosas, o *scriptorium* beneditino realizava a reprodução de obras da cultura clássica greco-romana e, desta forma, foram os responsáveis por perpetuar muitas obras da cultura clássica, mantendo-as a salvo das invasões bárbaras que tudo destruíam à época. Uma vez que até o século XVIII, antes do Iluminismo, poucas eram as bibliotecas laicas, foram as instituições religiosas responsáveis pela salvaguarda deste patrimônio da Europa ocidental. Por isso, suas bibliotecas e seus arquivos são importantes fontes de materiais históricos e São Bento é considerado Pai da Europa (DIAS, 2011).

O acervo da biblioteca monástica na Idade Média era composto por Bíblias e obras de Patrologia (vida e obra dos Santos Padres) que totalizavam dois terços de todo acervo, e o restante se dividia em livros de história eclesiástica e profana, livros de direito canônico e civil, regras monásticas, vidas dos santos, livros de ciência e clássicos profanos. Os acervos eram compostos por doações, compra e espólio de

monges que faleciam nos mosteiros (ARAÚJO, 2008; BARRETO, 2017). Posteriormente observaremos que a biblioteca da Abadia de Santa Maria apresenta uma configuração bastante semelhante na atualidade, tanto no seu acervo como na formação de sua coleção.

O *scriptorium* monástico entrou em declínio no final do século XIII, com o advento das universidades e dos escribas laicos. A Reforma Protestante, a Revolução Francesa e o advento da imprensa foram fatores que influenciaram fortemente as bibliotecas monásticas. (ARAÚJO, 2008).

2.1.3 Beneditinos no Brasil

Na América no Norte, as bibliotecas beneditinas foram estabelecidas no século XVII e na América do Sul, no século XVI. No Brasil, o primeiro mosteiro beneditino foi fundado em 1582, na cidade de Salvador e São Paulo em 1598. Todos eles voltados à vida monástica masculina, e pertencentes à Congregação Beneditina Lusitana (ARAÚJO, 2008).

Com a independência do Brasil esses mosteiros se desvincularam de Portugal e foi criada, então, a Congregação Beneditina Brasileira, no ano de 1827. Porém, uma série de fatores contribuiu para um enfraquecimento dos mosteiros no Brasil nos anos seguintes: em 1855 um decreto do governo imperial fecha todos os noviciados e em 1875 proíbe a vinda de religiosos e de candidatos à vida monástica do exterior. Assim, o país chega aos anos de 1889 com apenas 19 monges em todo o país (ARAÚJO, 2008).

Somente após a Proclamação da República, é que os mosteiros começam a se reestruturar, contando com reforços de religiosos vindos de instituições da Europa. Especialmente os beneditinos, passaram pelo processo de restauração devido à ajuda recebida de mosteiros da cidade de Beuron, na Alemanha (JONGMANS, 1983). Relatos sobre a formação dos acervos de bibliotecas beneditinas no Brasil afirmam que muitos volumes em idioma alemão foram trazidos por estes monges e incorporados às bibliotecas, como é o caso do Mosteiro de São Bento da Bahia (BARRETO, 2017) e da própria Abadia de Santa Maria, aqui em estudo.

No Brasil, a fundação de mosteiros femininos sofreu muitas resistências e proibições e foi se desenvolver mais tarde do que na América espanhola. Isso se deu, pois, a colonização em terras brasileiras prezava mais pela exploração de

recursos do que pelo povoamento, e a criação e manutenção de conventos se mostrava uma despesa alta demais para os objetivos portugueses. Porém, já no século XVIII, mesmo com melhores condições econômicas, as restrições aos mosteiros femininos ainda permaneciam, porém por motivos populacionais. Com um problema de despovoamento no Brasil, a conseqüente fragilização de fronteiras e crescimento da população mestiça, a Coroa vê a necessidade de uma multiplicação da população branca como forma de ocupação portuguesa do território. Assim, mulheres brancas deveriam casar-se e se reproduzir (NUNES, 1997).

Desta forma, vemos que os conventos eram proibidos ou incentivados conforme os interesses portugueses, ou seja, diferente dos homens, havia um controle do estado sobre as possibilidades de escolha da vida religiosa e reprodutiva das mulheres na época.

A relação das mulheres com a vida religiosa tem um caráter de contradição ao longo da história. De um lado, muitos são os relatos de mulheres internadas compulsoriamente, eram as mulheres com comportamentos diferentes do esperado socialmente para sua época, ou seja, as insubmissas, as solteiras e até aquelas violentadas sexualmente ou cuja grande riqueza era cobiçada pela família. E muitos também eram os castigos aplicados dentro dos conventos para submeter e disciplinar seus ânimos (NUNES, 1997).

Paradoxalmente, os mosteiros também eram utilizados pelas mulheres de forma favorável, seja para divorciarem-se de maridos violentos, libertar-se de obrigações sociais como o casamento ou para realizar o desejo de viver religiosamente.

Dada a situação de clausura familiar vivenciada pelas mulheres no período colonial, as instituições religiosas também serviram como espaço libertador, embora isto pareça paradoxal. Dentro ou fora da casa familiar, a vida – para essas mulheres sem tendência à vida celibatária e devota – era de prisão (NUNES, 1997, p.23).

Além disso, muito nos interessa para o presente trabalho que estas casas religiosas foram, por muito tempo, um dos poucos lugares onde as mulheres eram alfabetizadas e podiam receber alguma instrução escolar no Brasil, ali elas eram estimuladas a ler, a aprender música e a escrever poesias e diários (NUNES, 1997).

No Brasil, no século XIX, quando a maior parte da população feminina era dedicada principalmente às tarefas domésticas, as freiras foram as primeiras, afora as mulheres pobres, a exercer uma profissão. Neste período, com a reforma da Igreja Católica, as mulheres passam a ter maior influência no catolicismo brasileiro, são criadas as associações femininas de piedade e diversas escolas para meninas, dirigidas por religiosas. Até então, a opção de vida religiosa para as mulheres era a clausura, entretanto, é neste período que surgem as irmãs de caridade, religiosas de vida ativa que prezavam pela atuação social fora dos conventos (NUNES, 1997).

Com a Revolução Francesa, cresce a hostilidade aos religiosos, que migram para Brasil a fim de exercer a vida religiosa, agora com um sentido missionário, de fortalecer o catolicismo brasileiro. Com o advento do protestantismo e da educação laica, essa migração tem grande importância para a Igreja que passa a perder sua influência. Assim, são fundadas por aqui a Congregação Filhas de Caridade (ano de 1849), a Congregação Irmãs de São José de Chambéry (1858), e entre 1872 e 1920 cinquenta e oito congregações européias se estabelecem no Brasil, com as atividades principais de educação em colégios, cuidado de doentes, órfãos e idosos (NUNES, 1997).

Com o apoio governamental, na segunda metade do século XIX, a Igreja era responsável por 60% das escolas secundárias, o que fortaleceu sobremaneira a presença da mulher no catolicismo. Se por um lado, era possível às mulheres exercerem papéis de lideranças nestes espaços (escolas, hospitais, asilos), os valores ensinados eram aqueles sobre o papel tradicional da mulher na sociedade. Ainda na própria Igreja era possível ver as tarefas consideradas domésticas sendo realizadas pelas religiosas, como as Filhas de Maria que limpavam os altares e cuidavam das roupas clericais (NUNES, 1997).

Esta divisão social, refletida dentro do mosteiro feminino nunca existiu nos mosteiros masculinos. Desta forma, podemos supor que o acesso à leitura também acontecia de formas diferentes para monjas couristas e conversas, e que isso pode ter influenciado na forma como foram constituídas as bibliotecas nestes locais. Apenas com o Concílio Vaticano II essa divisão será abolida.

O processo de industrialização no país promove um crescimento da educação laica e profissionalizante, o que leva as congregações religiosas a perderem certo espaço na educação. Além disso, a valorização da profissionalização leva estas irmãs a procurarem cursos de graduação e ampliar suas áreas de formação para

além do ensino e da enfermagem. É também na década de 60 e 70 que a Igreja passa a fortalecer as pastorais, a fim de atender demandas sociais, e com isso, existe uma pressão para que as freiras participem ativamente deste movimento nas paróquias. Neste período, vê-se o surgimento da Teologia da Libertação (NUNES, 1997).

É exatamente nesta fase, ano de 1973 que a Abadia de Santa Maria se vê obrigada a mudar sua sede, do centro da cidade para local mais retirado, como veremos a seguir. Vale questionarmos se este clima cultural e os novos valores sociais teriam tido alguma influência nesta mudança.

Com este panorama sobre o desenvolvimento da vida religiosa feminina no Brasil, passaremos a seguir a nos aproximar das mulheres beneditinas, sua chegada ao Brasil e a fundação da Abadia de Santa Maria.

2.2 História da Abadia

A Abadia de Santa Maria foi o primeiro mosteiro beneditino feminino na América Latina, fundado em 1911 e responsável pela expansão deste ramo do catolicismo na região. Atualmente, ela é um mosteiro bastante ativo, onde vivem aproximadamente 20 monjas em regime de clausura. Fica localizada no bairro Jardim Tremembé, Zona Norte da cidade São Paulo, em um edifício de dois pavimentos em estilo modernista, construído entre 1974 e 1977 e projetado pelo arquiteto Hans Broos. Esta é sua segunda sede, tendo sido a primeira na região da Avenida Paulista, como descreveremos a seguir.

Tanto sua fundação, quanto sua localização são atravessadas pela história da cidade de São Paulo, sua urbanização e pela relação da elite paulistana com a Igreja Católica. A história da Abadia mostra que algumas famílias tradicionais com poder e condições financeiras privilegiadas tinham uma relação próxima com as obras sociais católicas, as Santas Casas e também com as ordens religiosas, incluindo as Beneditinas. Para esclarecer essas relações, abordaremos, primeiramente, a história de Ana Abiah, jovem que veio a tornar-se a madre fundadora da Abadia e em seguida a história da construção e posterior mudança da sua sede.

Ao longo desta história, procuraremos também indícios da relação das monjas com os estudos, os livros e as artes gráficas, a fim de recolhermos subsídios para a posterior compreensão de sua biblioteca na atualidade.

2.2.1 Ana Abiah da Silva Prado

A fundação do ramo beneditino feminino no Brasil parte da vontade e incentivo de Dom Miguel Krause, então Abade do Mosteiro de São Bento de São Paulo e da escolha de Ana Abiah da Silva Prado, jovem paulistana da alta sociedade da época, cuja adolescência fora vivida na Europa e que viria a se tornar a Madre fundadora. Ana descende de uma elite paulistana, com importante contribuição para o desenvolvimento da cidade e para o catolicismo na região e foi com a herança dessa família que a Abadia pôde ser construída, em 1911 (MOSTEIRO DA SANTA CRUZ, 2012).

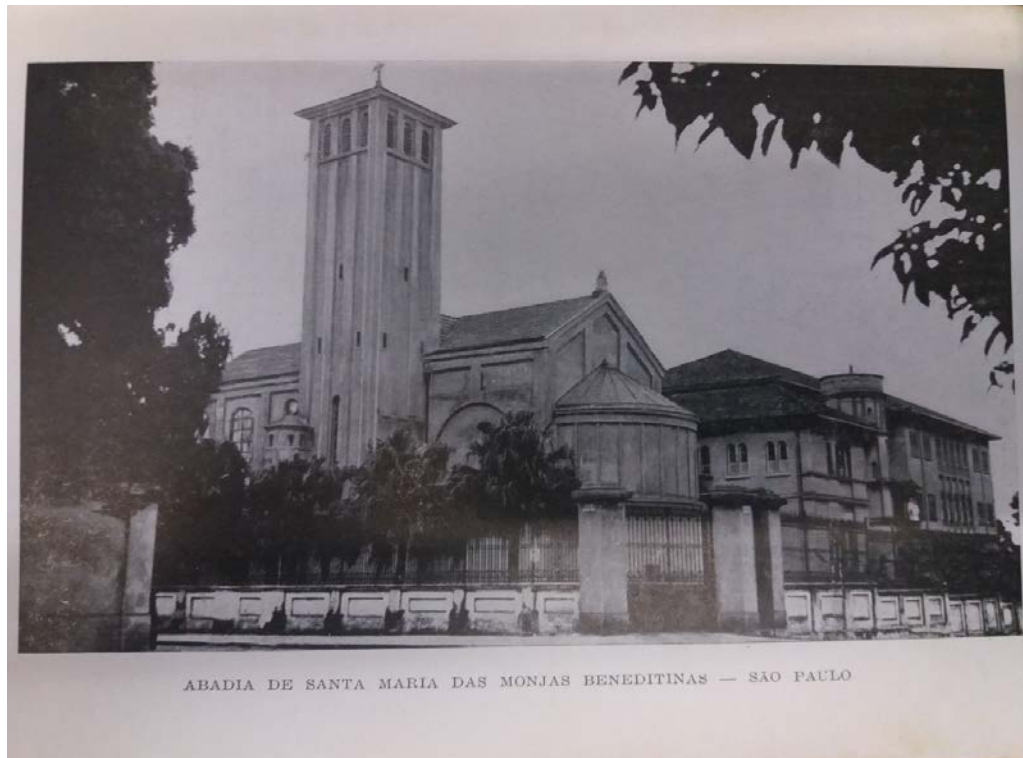
Em 1901, Ana Abiah da Silva Prado passa a ter contato com Dom Miguel Krause, então prior do Mosteiro de São Bento, monge vindo da Alemanha na ocasião da restauração beneditina. Por seu preparo e extensa cultura, ele passa a confiar-lhe textos religiosos para tradução, e é ele quem a incentiva a assumir a vocação monástica (HORTA, 2011).

Para sua formação e com vistas à fundação de uma instituição semelhante em terras brasileiras, Ana passa um longo período na Abadia de Stanbrook (Inglaterra). Sua entrada definitiva para a vida religiosa ocorre em 14 de setembro de 1907, quando recebe o nome de Irmã Gertrudes Cecília (HORTA, 2011).

2.2.2 Localização e o crescimento da cidade

A história da urbanização do município de São Paulo se reflete na história da Abadia. Para a construção de sua primeira sede, fora escolhido um local ermo, visto a necessidade de recolhimento e silêncio para as irmãs. Este terreno situava-se próximo à Avenida Paulista, e a edificação foi registrada em imagens e também ilustra o livro de Luna (1947).

Figura1 – Foto da antiga sede da Abadia de Santa Maria.



Fonte: Luna (1947, p.153).

A Abadia funcionou nesse endereço até 1973, quando surge a necessidade de ser transferida para uma região mais periférica da cidade, tanto pela necessidade de um ambiente mais privativo, propício ao recolhimento das monjas, quanto pela especulação imobiliária e pressões da própria Igreja Católica de São Paulo. (MOSTEIRO DA SANTA CRUZ, 2012). Desta forma, o terreno foi vendido para grandes construtoras e a Abadia demolida em 1976, sendo construída a nova sede neste mesmo ano. (MOSTEIRO DA SANTA CRUZ, 2012).

2.2.3 As Abadessas

Importantes para história da Abadia, necessário citar as abadessas que se seguiram, sendo Madre Rosa de Queirós (Maria José de Queiroz Ferreira) a segunda abadessa, atuando no período de 1944 a 1978. Foi ela a responsável pela mudança para nova sede (MOSTEIRO DA SANTA CRUZ, 2012).

A terceira abadessa, Madre Tereza de Amoroso Lima era filha de Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde). Conhecedora do inglês e do francês, traduzia crônicas vindas da Abadia de Stanbrook, entre outros. Por anos, atuou na tipografia da Abadia (HORTA, 2011). Atualmente, existe uma secção na biblioteca intitulada

‘Alceu de Amoroso Lima’, com uma seleção de obras do autor ou com sua assinatura e dedicatória.

Madre Escolástica Ottoni de Mattos é a atual Abadessa, quarta desta linhagem de mulheres, consideradas como mães das outras monjas que vivem sob sua responsabilidade.

2.2.4 Biblioteca e tipografia

A literatura mostra que a Abadia tinha uma importante relação com os estudos e, disso, podemos supor uma proximidade com os livros e sua biblioteca, muito semelhante ao que se observa nos mosteiros masculinos beneditinos.

Assim, o Mosteiro de Santa Maria vem se tornando um centro de estudos. Foi facilitado às monjas estudo mais aprimorado do latim e do grego, do canto gregoriano, das ciências eclesiásticas e das artes sacras. (...)A Revma. e zelosa Madre Abadessa, a par dos deveres primordiais da vida contemplativa – *Opus dei, meditatio, lectio divina, etc.* – fez desabrochar na abadia o trabalho sob seu duplo aspecto: intelectual e manual, de acordo com a tradição multi-secular da Ordem de S. Bento (LUNA, 1947, p.151).

Estas áreas do conhecimento citadas por Dom Joaquim G. de Luna OSB se assemelham bastante às classes nas quais estão agrupados os livros do acervo hoje, porém, essa classificação será detalhada mais à frente. Entre os trabalhos de cunho intelectual, podemos citar as diversas traduções de obras religiosas realizadas pelas monjas, como exemplo o livro *Extracto do seu apello ao Apostolado do Sagrado Coração*, de O. R. Padre Matheus Crawley Boevey, tradução de 1921.

É facilmente compreensível essa quantidade de traduções se lembrarmos de que muitas eram jovens oriundas de famílias abastadas, sendo muito comum o estudo de idiomas e vivências no exterior entre elas. As primeiras Abadessas eram mulheres cultas, da elite paulistana, com fluência em diversos idiomas e conhecimentos de artes, música e cultura geral. Vale observar que as traduções aparecem sempre como uma produção coletiva da entidade e não de autoria pessoal. Além disso, existe a produção intelectual das próprias monjas, com teses e

publicações tais como: *A palavra de Deus é semente de vida eterna: cultivemo-la no nosso coração: reflexões pessoais à luz da oração*, de Irmã Clara Santos, OSB.

Outra informação relevante sobre a relação do mosteiro com a cultura escrita é a existência de uma tipografia, que fora fundada em 1929, com a entrada da postulante Irmã Joana Evangelista de Avellar (MOSTEIRO DA SANTA CRUZ, 2012). A tipografia também foi lembrada por Luna (1947):

Dedicam-se ainda à divulgação da boa imprensa, não só traduzindo para o vernáculo obras litúrgicas e de espiritualidade em geral, como também se ocupam da impressão, em modesta tipografia, de trabalhos feitos na abadia. Esta tipografia foi adquirida em 1929 e tem prestado bons serviços ao mosteiro (LUNA, 1947, p.151).

A primeira obra publicada pela tipografia foi o livro intitulado *A vida de São Bento*, do Abade Tosti e tradução de Dom Lourenço Lumini, OSB. A oficina funcionou até 1941, quando passou a trabalhar com estampas e convites. Hoje não há esta atividade na Abadia, porém a máquina tipográfica encontra-se preservada e em exposição no local (MOSTEIRO DA SANTA CRUZ, 2012).

Figura 2 – Máquina tipográfica preservada, em exposição na Abadia de Santa Maria.



Fonte: a autora.

Tanto o bibliotecário quanto a atual Madre Abadessa afirmam a Abadia possui uma biblioteca desde seu início, pois não é possível existir mosteiro sem uma biblioteca. Segundo ela, a biblioteca já existia antes do mosteiro, com isso quer dizer que as monjas traziam consigo suas bibliotecas particulares, que eram incorporadas ao acervo da Abadia. As Abadessas eram mulheres provindas da elite paulistana, que tradicionalmente possuía grande quantidade de livros, principalmente no idioma francês. Esse seria um dos motivos de este idioma ser bastante frequente nas obras do acervo atual. Além disso, o bibliotecário afirma que possivelmente Dom Miguel Krause tenha doado obras para a instituição na ocasião de sua fundação. Com seu patrono fundador de origem alemã, podemos constatar que o acervo possui muitos livros em idioma alemão. Em pesquisa sobre o acervo da biblioteca do Mosteiro de São Bento da Bahia, Barreto (2017) afirma que a biblioteca do local fora acrescida

de diversas obras em alemão na ocasião da chegada dos reformadores de Beuron, no início do século XIX. Dom Miguel foi um destes religiosos vindos de Beuron (HORTA, 2011).

Com isso, pode-se considerar que as monjas de Santa Maria têm uma relação estreita com os livros e os estudos, o que naturalmente nos leva à sua biblioteca, que será descrita a seguir.

2.3 Descrição da biblioteca Irmã Lídia

A Biblioteca Irmã Lidia leva este nome em homenagem à irmã, falecida em 16 de março de 2016, monja que tinha especial apreço pela biblioteca, tendo doado diversas obras para o acervo. Está instalada em espaço amplo e iluminado com vista para a Serra da Cantareira, conforme pode ser observado na figura a seguir.

Figura 3 – Área de estudos na biblioteca Irmã Lidia.



Fonte: Site institucional (ABADIA DE SANTA MARIA, 2018).

2.3.1 Recursos físicos e humanos

O espaço é composto por estantes em madeira, mesas de estudo, poltronas e objetos religiosos decorativos. Para trabalho do bibliotecário, estão disponíveis um notebook e uma impressora, sendo o software PHL utilizado atualmente para catalogação do acervo.

A biblioteca fica sob responsabilidade da Madre Bibliotecária, monja da Abadia que assume esta tarefa, havendo um revezamento de funções periodicamente. Essa Madre não possui formação na área de Biblioteconomia, mas fica responsável por zelar e atender às demandas da comunidade relacionadas à biblioteca. Além da Madre, há o bibliotecário responsável, contratado na forma de prestador de serviço, realizando uma visita por mês na biblioteca, além de eventuais estagiários voluntários do curso de graduação em biblioteconomia.

2.3.2 Acervo

Seu acervo é composto por livros impressos, CD's, DVD's, obras de referência (enciclopédias e dicionários). O principal suporte são os livros impressos, mas já foi possível observarmos nas mesas de estudo das monjas, além de livros e cadernos, o uso de notebook e leitor de livro digital (*kindle*). Porém, o acervo não conta com e-books, tampouco leitores digitais, sendo estes de uso particular das monjas.

No que se refere aos livros físicos, possui aproximadamente 20.000 itens ainda em processo de catalogação, sendo que apenas 3.000 estão etiquetados e inseridos no sistema. Assim, não há catálogo digital completo nem catálogo de fichas.

Chama a atenção a diversidade de idiomas das obras que compõem o acervo. Além do português, hoje a Abadia possui um acervo importante em língua alemã, possivelmente vindas da Alemanha com Dom Miguel Krause, na ocasião da restauração da Ordem Beneditina Brasileira, conforme descrito anteriormente. Francês também é um idioma importante, tanto que a principal coleção do acervo, intitulada *Sources Chretiennes*, é lida em francês, pelas monjas, que têm aulas do idioma para poder estudá-la. Além disso, a instituição recebeu uma grande doação de livros vindos de mosteiro belga; toda essa coleção está em idioma francês. Também se destacam as obras em línguas clássicas, tais como latim, grego, aramaico, hebraico e siríaco. Existem também algumas obras em inglês.

Existem diversas coleções especiais na biblioteca, todas de grande relevância para a comunidade. A principal delas é a coleção *Sources Chretiennes*, sobre Patrologia¹, composta por escritos medievais dos padres da igreja e utilizada como instrumento da *lectio divina*. Isso a torna fundamental para a comunidade, sendo base para a vida monástica e, portanto, de contato diário das monjas. Essa coleção também existe em outros idiomas (latim, grego, aramaico, hebraico e siríaco), que se destacam mais pelo valor histórico do que pela sua utilização cotidiana.

Além desta, podemos citar a coleção particular da monja Mère Christine, a coleção Alceu Amoroso Lima, pai da terceira abadessa, Madre Tereza de Amoroso Lima. Em destaque no acervo, podemos também encontrar 12 obras, com datas anteriores a 1800. Elas estão expostas em estante à parte do restante do acervo. As obras em destaque nesta estante estão descritas no quadro a seguir.

¹ Compreende a coleção de escritos dos chamados Pais da Igreja, além de obras que analisam estes escritos sob diversos aspectos. Interessa-nos observar que os Pais da Igreja são os principais teólogos dos seis primeiros séculos da Igreja, e entre os quais, existem diversas “mães”. (GONZÁLEZ, 2009; ERICKSON, 1997)

Quadro 1 – Obras em destaque no acervo.

<p>Título: Schola Cordis, sive aversi a deo cordis, ad evmdem redvctio et instrvctio</p> <p>Autor: Benedict Haefteni</p> <p>Cidade: Antuérpia / Editor: Hieronymvm et Ioan Bapt. Verdvssen</p> <p>Ano: 1663 / Idioma: latim</p>
<p>Título: Die Bibel</p> <p>Autor: tradução de Martin Lutero</p> <p>Ano: 1790 / Idioma: alemão</p> <p>Observações: escrita em fonte gótica. Tradução da bíblia.</p>
<p>Título: La Regle, du bien-heureux pere S. Benoist patriarche des Religieux de l'Occident.</p> <p>Subtítulo: acev les constitutions</p> <p>Cidade: Paris / Editor: Louis Billaine</p> <p>Ano: 1676 / Idioma: francês</p> <p>Observações: “A regra do bem-aventurado padre S. Bento, patriarca dos religiosos do ocidente e as constituições.” Além da Regra de São Bento, apresenta constituições / regulamentos dos mosteiros.</p>
<p>Título: Regra de S. Bento Abbade, patriarca de todos os monges, príncipe de todos os patriarcas</p> <p>Subtítulo: Nesta quinta impressão com as cartas, e praticas do mesmo santo</p> <p>Cidade: Lisboa / Editor: Ferreyriana</p> <p>Ano: 1728 / Idioma: português</p> <p>Observações: “Dada à estampa pelos Irmãos da Irmandade de Santa Gertrudes a Magna do Mosteiro de S. Bento de Lisboa Occidental.”</p>
<p>Título: Oeuvres de Pieté de S. Ephrem, diacre d'edesse et Docteur de L'eglise</p> <p>Autor: traduites en françois fur la nouvelle Edition de Rome.</p> <p>Cidade: Paris / Editor: Didot</p> <p>Ano: 1744 / Idioma: francês</p> <p>Observações: tradução do título: Obras de piedade de Santo Ephrem, diácono de Edesse e doutor da Igreja</p>

Título: Compendio da vida do glorioso Pontífice Sao Pio V, ilustrada.
Subtítulo: Com reflexões moraes, politicas e predicaveis. Oferecida a El Rey Nosso Senhor D. Joao Quinto
Autor: D. Sebastiao de Sampayo,
Cidade: Roma / **Editor:** Joao Zempel
Ano: 1728 / **Idioma:** português
Observações: confeccionado em papel trapo

Título: L'Annee Benedictine ou Les Vies des Saints de L'Ordre de Saint Benoist.
Subtítulo: Pour tous les jours de l'Année
Cidade: Paris / **Editor:** Louis Billaine
Ano: 1673 / **Idioma:** francês
Observações: coleção com 6 volumes. Anuário mensal ou bimestral contendo a história e dia dos santos do mês.

Fonte: elaborado pela autora.

Segundo o bibliotecário, outros itens também se destacam, como os exemplares da Regra de São Bento em latim, datados dos séculos XVIII e XIX. O livro mais antigo da coleção é a *Regra de São Bento*, um livro que é conhecido como um incunábulo, pois sua data suposta de publicação está entre 1450-1500. Ele que se encontra cuidadosamente exposto em uma sala de uso particular das monjas, dentro do espaço da clausura, com acesso restrito.

2.3.3 Aquisição e desenvolvimento da coleção

Podemos observar que o acervo se formou a partir de coleções particulares, doações da comunidade, doações de editoras e aquisições necessárias ao estudo. Na data de 12 de janeiro de 2019, por exemplo, foram incorporadas ao acervo 3 caixas de livros que pertenciam a uma monja que falecera no ano de 2018. Inclusive, é possível observar diversos livros com dedicatórias, muitas de peculiar beleza, seja pela caligrafia, seja pelos votos e congratulações expressados. Isso evidencia que muitos foram dados de presente às monjas e posteriormente incorporados ao acervo.

2.3.4 Usuário e serviços

Sobre o atendimento aos usuários e serviço de referência, podemos destacar algumas peculiaridades em relação a outras bibliotecas. Na Abadia, o acervo é exclusivo para as monjas, não podendo ser acessado por hóspedes ou comunidade externa. Como o bibliotecário está presente uma vez por mês apenas, e o acervo ainda não está catalogado em sua totalidade, as próprias monjas acessam os livros e anotam em um livro de empréstimo manual. Porém, não se sabe se esse livro de empréstimo é efetivamente utilizado por todas.

A pesquisa no acervo pode ser feita pelo sistema, onde constam aproximadamente 15% dos itens, ou manualmente no acervo. Os livros estão agrupados em grandes classes, mas dentro de cada classe, aqueles que ainda não estão catalogados são colocados de forma aleatória na estante. Isso dificulta a busca sendo que uma solicitação bastante comum das monjas ao bibliotecário, é encontrar determinada obra no acervo.

Os livros mais utilizados pelas monjas são a Regra de São Bento, em suas diversas edições e versões, e os livros sobre Patrologia (coleção *Sources Chretiennes*). Esta informação baseia-se na percepção do bibliotecário, já que não existem dados completos sobre empréstimos.

2.3.5 Conservação preventiva e restauro

No que se refere à conservação, preservação e restauro das obras, podemos notar poucas ações. Apesar de possuir obras de valor histórico, não há uma prática de higienização periódica, bem como de pequenos reparos, apenas alguns livros visivelmente com pragas se encontram separados do acervo em armário de aço.

2.3.6 Tratamento da informação

Um ponto bastante interessante é a forma de classificação adotada. Trata-se de uma adaptação da Classificação Decimal Universal (CDU), elaborada em conjunto pelos bibliotecários que atuam no Mosteiro de São Bento e o Monge Bibliotecário desta mesma instituição. Posteriormente, essa classificação foi adotada para organização da biblioteca da Abadia de Santa Maria. Para melhor compreensão, listaremos no quadro abaixo as classes tradicionais da CDU, a forma como são utilizadas na Abadia e uma breve descrição de cada uma delas.

Quadro 2 – Adaptação de classes da CDU utilizada.

22 BÍBLIAS	262.131 DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS
030 DICIONÁRIOS	264 LITURGIA
1 FILOSOFIA	268 CATEQUÉTICA
159 PSICOLOGIA	271 MONAQUISMO
222 EXEGÉTICA	276 PATROLOGIA
23 TEOLOGIA SISTEMÁTICA	282 HISTÓRIA ECLESIAÍSTICA
232 CRISTOLOGIA	296 JUDAICA
232.931 MARIOLOGIA	348 DIREITO CANÔNICO
235.3 HAGIOGRAFIA	613 SAÚDE / MEDICINA
241 TEOLOGIA MORAL	7 ARTES / MÚSICA
243 BREVIÁRIOS	8 LINGUÍSTICA E LITERATURA
244 LITERATURA RELIGIOSA	911 GEOGRAFIA
248 TEOLOGIA ESPIRITUAL	929 BIOGRAFIAS
252 HOMILÉTICA	930 HISTÓRIA PROFANA
253 TEOLOGIA PASTORAL	

Fonte: elaborado pela autora.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as características da tradição beneditina de livros e bibliotecas, podemos afirmar que o mosteiro feminino é, indiscutivelmente, herdeiro desta tradição. Pelos hábitos de leitura citados pelo bibliotecário e pelo grande número de exemplares da Regra de São Bento, podemos notar que ela é leitura fundamental para as monjas. A história da Abadia mostra uma relação estreita com a cultura letrada, bastante presente na Ordem Beneditina, como a tipografia, trabalhos de tradução e produção intelectual religiosa. A própria presença de uma biblioteca numerosa faz parte desta tradição.

Curiosamente, suas características tradicionais convivem lado a lado com equipamentos atuais (notebooks, *kindles* e celulares) que são utilizados pelas monjas na biblioteca.

Da mesma forma que, a relação das mulheres com os conventos era contraditória (um cerceamento e uma opção de relativa libertação), a pesquisa nesta biblioteca nos colocou constantemente diante de contradições. Se por um lado, o acesso à leitura permitido para mulheres nos mosteiros poderia ser considerado uma liberdade, como visto nos relatos históricos, a restrição ao que se deve ler, pode nos indicar que os livros também têm o papel de padronizar valores e comportamentos.

Ainda, uma coleção relevante e numerosa, como a que observamos, nos aponta para uma valorização da biblioteca dentro do mosteiro; porém, seu estado de conservação e organização nos leva a questionar o quanto ela é efetivamente utilizada pela comunidade e se há uma prioridade no investimento de recursos para o tratamento técnico de seus itens.

Questionamo-nos também se o fato de o acervo não estar catalogado em sua totalidade pode significar um livre acesso a seus itens ou uma forma de controle, por não expor todos os materiais, disponibilizando-os de forma organizada e possível de ser recuperada. De forma geral, ao mesmo tempo em que a biblioteca encanta por sua coleção e beleza, um olhar embasado pela Biblioteconomia encontra limitações e potencialidades pouco exploradas.

Outro fator a ser apontado é que o fato de termos incluído o quesito gênero na análise da biblioteca se mostrou fundamental para compreender a formação de seu acervo e suas particularidades. Porém, ao mesmo tempo, se tornou um desafio, uma vez que encontramos poucos estudos que abordam especificamente bibliotecas

de monjas. Não foi possível explorar se isso se deve ao fato de, realmente, essas bibliotecas serem escassas, ou, caso sejam numerosas, o acesso a elas seja bastante restrito, ou ainda se estamos negligenciando a experiência das mulheres de vida contemplativa nos estudos sobre leitura feminina.

Outro ponto importante a ressaltar é que, neste trabalho, não foram tratadas questões como a disseminação ou disponibilização do patrimônio bibliográfico para o público externo. Compreendemos tratar-se de um acervo particular que, a princípio atende um público interno. Portanto, nossos apontamentos visaram compreender melhor a comunidade e sua biblioteca, de modo a suscitar reflexões sobre como a Biblioteconomia pode atuar nesses acervos, a fim de que eles tenham uma contribuição mais efetiva em sua comunidade.

Por fim, acreditamos que novos estudos seriam importantes, a fim de ampliar a compreensão sobre os fatores históricos que influenciaram a formação das bibliotecas em mosteiros femininos e sobre os hábitos de leitura dessas mulheres.

REFERÊNCIAS

ABADIA DE SANTA MARIA. **A Abadia de Santa Maria**: monjas beneditinas. Site institucional. Disponível em: <http://abadiasantamaria.lwsite.com.br>. Acesso em: 20 dez. 2018.

ARAÚJO, Andre de. **Dos livros e da leitura no claustro**: elementos de história monástica, de história cultural e de bibliografia histórica para estudo da biblioteca-livraria do mosteiro de São Bento de São Paulo (sécs. XVI-XVIII). 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-10022009-124405/pt-br.php>. Acesso em: 26 ago. 2018.

BARRETO, Márcia Gabriela de Aguiar. **Ler e escrever conforme a Regra**: cultura escrita e a ordem de São Bento na Bahia do Século XIX. 2017. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/6_ler_e_escrever_conforme_a_regra_cultura_escrita_e_a_ordem_de_sao_bento_na_bahia_do_seculo_xix.pdf. Acesso em: 02 set. 2018.

BENTO, Santo, Abade de Monte Cassino. **A regra de São Bento**: latim-português. Salvador: Edições São Bento, 2004.

BRAYNER, Cristian. As Bibliotecas Beneditinas no Brasil: diagnóstico preliminar. **Pesq. Bras. em Ci. da Inf. e Bib.**, João Pessoa, v. 12, n. 1, p. 46-53, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/pbcib/article/download/33165/17374>. Acesso em: 16 nov. 2018.

DIAS, Geraldo José Amadeu Coelho. As bibliotecas nos mosteiros da antiga congregação beneditina portuguesa. **CEM: Cultura, Espaço & Memória**, Porto, n. 2, p. 137-150, 2011. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/63948>. Acesso em 20 abr 2019.

ERICKSON, Millard J. **Conciso dicionário de teologia cristã**. Rio de Janeiro: JUERP, 1991.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONZÁLEZ, Justo. **Breve dicionário de teologia**. São Paulo: Hagnos, 2009.

HORTA, Vera Lúcia Parreiras. **De Stanbrook, Inglaterra, a Santa Maria, Brasil: pré-história das Monjas da Congregação Beneditina do Brasil**. Juiz de Fora: Subiaco, 2011.

JONGMANS, J. A Reforma da Ordem Beneditina no Brasil (1890-1910). *In*: AZZI, Riolando. **A vida religiosa no Brasil: enfoques históricos**. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 130-150.

LUNA, Joaquim G. de, Dom. **Os monges beneditinos no Brasil: esboço histórico**. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1947.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed.,. São Paulo: Atlas, 2018.

MAZZONI, Vanilda Salignac de Sousa. **Arquivo 37: a história das monjas beneditinas no Brasil**. Ilhéus: Editus, 2009.

MOSTEIRO DA SANTA CRUZ. **Centenário da Abadia de Santa Maria: 1911–2011**. Simpósio. Juiz de Fora: Subiaco, 2012.

NUNES, M. J. R. Freiras no Brasil. *In*: DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 482-509.

RADINI, A.; TROMP, M.; BEACH, A.; TONG, E.; SPELLER, C.; MCCORMICK, M.; DUDGEON, J. V.; COLLINS, M. J.; RÜHLI, F.; KRÖGER, R.; WARINNER, C. Medieval women's early involvement in manuscript production suggested by lapis lazuli identification in dental calculus. **Science Advances**, v. 5, n. 1, p. 1-8, jan. 2019. Disponível em: <http://advances.sciencemag.org/content/5/1/eaau7126>. Acesso em: 21 abr. 2019.

TALBOT, Gabriel. **Explicação breve, acomodação laconica da santa regra do grande patriarca, e príncipe dos patriarcas o glorioso São Bento**. Lisboa: Offic. De Miguel Manescal da Costa, 1744. Disponível em: <http://saobento.org/livrosraros/?p=171>. Acesso em: 18 dez. 2018.